

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo
(Organizador)

A Psicologia
Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO	
<i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819121	
CAPÍTULO 2	15
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Jônatas Mota Leitão</i>	
<i>Luiza Maria Silva de Freitas</i>	
<i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819122	
CAPÍTULO 3	30
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA	
<i>André Valécio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819123	
CAPÍTULO 4	42
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS	
<i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i>	
<i>Jeferson Renato Montreozol</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819124	
CAPÍTULO 5	54
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES	
<i>Isadora Oliveira Rocha</i>	
<i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819125	
CAPÍTULO 6	68
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN	
<i>Barbara Maria Turci</i>	
<i>Eliane Regina Pereira</i>	
<i>Emerson Fernando Rasera</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819126	
CAPÍTULO 7	80
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES	
<i>Allan Henrique Gomes</i>	
<i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819127	
CAPÍTULO 8	95
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?	
<i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i>	
<i>Cássio Marques Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1621819128	

CAPÍTULO 9 109

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

Lara Brum de Calais

Juliana Perucchi

DOI 10.22533/at.ed.1621819129

CAPÍTULO 10 125

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

Mariana Luciano Afonso

DOI 10.22533/at.ed.16218191210

CAPÍTULO 11 130

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

DOI 10.22533/at.ed.16218191211

CAPÍTULO 12 147

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

Erlândia Silva Pereira

Maristela de Souza Pereira

Rogério de Melo Costa Pinto

Helena Borges Martins da Silva Paro

DOI 10.22533/at.ed.16218191212

CAPÍTULO 13 162

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

Erik Cunha de Oliveira

Saulo Santos Menezes de Almeida

Juliana Souza Vaz Ribeiro

Alexsandro de São Pedro Santiago

DOI 10.22533/at.ed.16218191213

CAPÍTULO 14 171

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Roberta Cristina Gobbi Baccarim

Grazielle Tagliamento

DOI 10.22533/at.ed.16218191214

CAPÍTULO 15 186

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

Júlia Arruda da Fonseca Palmiere

Anita Guazzelli Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.16218191215

CAPÍTULO 16 196

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

Hudson Henrique de Oliveira Masferrer

Emerson Fernando Rasera

DOI 10.22533/at.ed.16218191216

SOBRE O ORGANIZADOR 210

O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE?

Antônio Vladimir Félix-Silva

Universidade Federal do Piauí - UFPI/Campus
Ministro Reis Veloso. Programa de Pós-graduação
em Psicologia - PPGPsi
Parnaíba-Piauí-Brasil

Cássio Marques Ribeiro

Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE.
Programa de Residência Integrada do Ceará -
RIS/ESP/CE.
Tauá-Ceará-Brasil.

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma cartografia de The Lady Macbeth e o Metáfora Troupe, a partir de uma narrativa de experiência de pesquisa-intervenção cujo objetivo mapear territórios existências e processos de subjetivação de artistas nas ruas, praças e estações teve como desdobramento o tema arte e ativismo de uma atriz trans e do cortejo de quatro componentes do Metáfora Troupe e vários espectadores a partir da problematização: o que pode o corpo em cena na cidade? Cartografamos, entre 2016 e 2017, cinco apresentações de The Lady Macbeth e o Metáfora Troupe, de Parnaíba-PI, todas no entorno da estação denominada Porto das Barcas. O teatro de rua e nas ruas foi utilizado como objeto relacional para acompanhar processos de subjetivação em arte e ativismo trans, cuja análise foi realizada a

partir da esquizoanálise. Resultados: a análise das forças que compõem a micropolítica do desejo de fazer teatro de rua e nas ruas aponta para a arte relacional e o ativismo como dispositivos de cuidado de si e estética da existência trans, produção de territórios existências queer, espaços heterotópicos que se inscrevem com o corpo em cena entre cidades, pontes, rios, asfalto, calçadas, ruas e impressionante arquitetura de um patrimônio histórico enclausurado por muros, grades e proibições que tratam de limitar o direito de ir e vir e experimentar-se na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Arte. Cuidado de si. Estética da existência trans.

ABSTRACT: In this article, we present a cartography of The Lady Macbeth and the Metáfora Troupe, from a narrative of an intervention-research experience whose purpose of mapping existential territories and processes of subjectivation of artists on the streets, squares and stations had as deployment the theme of art and activism by a trans actress and the parade of four components from the Metáfora Troupe and several spectators from the problematization: what can the body on the scene in the city? We mapped, between 2016 and 2017, five presentations of Lady Macbeth and the Metáfora Trupe, from Parnaíba-PI, all of them in the surroundings of the station

denominated Porto das Barcas. The street theater and in the streets was used as relational object for the production of the processes of subjectivation in art and trans activism, whose analysis was made from the schizoanalysis. Results: the analysis of strengths that compose micropolitics of desire of making street theater and on the streets points to relational art and activism as self-health care devices and esthetical of trans existence, production of queer existential territories, heterotopic spaces that inscribe themselves with the body among cities, bridges, rivers, asphalt, sidewalks, streets and impressive architecture of a historical patrimony cloistered by walls, grids and prohibitions that manage to limit the right to come and go and of self-experiment in the city.

KEYWORDS: Body. Art; Self-health care. Esthetical of trans existence.

1 | INTRODUÇÃO

Vivemos num país cuja genealogia do Estado-nação foi forjada no genocídio indígena e na interdição do corpo e da mulher negra submetida à exploração sexual e à escravidão do seu povo (FREIRE, 1993; NASCIMENTO, 2016; TUPINAMBÁ, 2017). Essas barbaridades instituídas e outras violências, culturalmente, institucionalizadas não cessaram com o “fim” da escravidão e da colonização. Ainda hoje, o chamado Estado democrático e de direito, marcado pelo racismo institucional e os eufemismos de súdito – “sujeito de [direitos]” e cidadão (CASTRO, 2016, p. 11), – segue operando “necrobiopolíticas” que exercem o poder de promover a morte e deixar morrer a vida, como mostram dados do transfeminicídio no Brasil (BENTO, 2018).

O Brasil lidera o Ranking mundial de assassinatos de Travestis e Transexuais. De acordo com a ONG Internacional Transgender Europe (TGEU), que monitora os assassinatos de Travestis e Transexuais pelo mundo, entre 01/10/2016 e 30/09/2017, foram assassinadas 171 pessoas Trans no Brasil, seguidos de 56 mortes no México, 25 no EUA, 10 na Colômbia e 7 na Argentina e El Salvador no mesmo período (ANTRA, 2018, p. 24).

O risco de uma pessoa trans ser assassinada é 14 vezes maior que um homem gay cis; e se compararmos com os Estados Unidos, as 144 travestis brasileiras assassinadas em 2016 face às 21 trans americanas, as brasileiras têm 9 vezes mais chance de morte violenta do que as trans norte-americanas (TGEU, citado por BENEVIDES, 2018, p. 8).

Essas crueldades e perversidades estatais vão se somando aos microfascismos de toda ordem. Em 2008, a Fundação Perseu Abramo (FPA), em parceria com a Fundação Rosa Luxemburg Stiftung (RLS), realizou uma pesquisa acerca da “diversidade sexual, [transfobia, lesbofobia e] homofobia no Brasil”, com o objetivo de:

Investigar o preconceito e a discriminação (familiar, social e institucional) contra homossexuais de ambos os sexos (lésbicas e gays), bissexuais e transgêneros (travestis e transexuais). Com vistas a subsidiar a discussão em torno de políticas públicas (ou de sua ausência) e a implantação de ações que contribuam para

a diminuição das violações de direitos dessa parcela da população (VENTURI; BOKANY, 2011, p. 11).

Nessa pesquisa, a repulsa e o ódio a lésbicas, gays, travestis e transexuais variam entre 8% e 9% e o preconceito, ainda que velado, contra homossexuais atinge o surpreendente índice de 99%. Julian Rodrigues (2011) destaca as questões que chamam a atenção, na referida pesquisa:

Cerca de 90% dos entrevistados acreditam haver preconceito contra LGBT no Brasil; 26% admitem ter preconceito pessoal contra gay, e 29% contra travesti; 84% dos entrevistados concordam com a seguinte frase: “Deus fez o homem e a mulher com sexos diferentes para que cumpram seu papel e tenham filhos”. Enquanto 58% concordam que “a homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus”; e 7% dos entrevistados não aceitariam um filho gay e o expulsariam de casa (p. 34).

Na cidade de Parnaíba, não existem dados acerca da transfobia nem sobre transfeminicídio. Não obstante, estamos acompanhando um grupo de jovens, composto por homens trans e mulheres transexuais e travestis, que está denunciado a transfobia nos contextos familiar e escolar, nos serviços de saúde e em outros espaços e instituições que marcam os órgãos, os estabelecimentos e seus agentes na sociedade de controle.

A cidade faz parte da macrorregião Planície Litorânea do Piauí, localizada ao Nordeste do Brasil, cujo território das águas doces e salgadas compõe o Delta das Américas e também a Rota das Emoções que fica entre os Estados do Piauí, do Ceará e do Maranhão. Nesse cenário, a produção de subjetividade, à semelhança do que se passa em outros contextos da sociedade de controle, é agenciada pelo capitalismo sem fronteiras (GUATTARI, 2002), pelo racismo mundial integrado e o devir negro do mundo (MBEMB, 2018).

Nosso lugar inventado para a pesquisa é o deslugar do corpo trans e os espaços heterotópicos de Parnaíba, cidade cuja ocupação está cada vez mais conectada à presença e a invenção de um corpo utópico (FOUCAULT, 2013): um corpo que se produz com arranjos, artefatos e performances para evocar o outro. As heterotopias do corpo utópico em cena são entretidas no espaço esquizofrênico da cidade (SANTOS, 2006), por linhas de fuga que escapam ao seu ordenamento.

Em Parnaíba, a dialética urbano-rural é constantemente negada pela afirmação da diferença entre centro e periferia; paisagem composta por poucas avenidas e ruas cujas margens compõem a margem do rio Igarçu. O centro da cidade é demarcado por bairros cujas principais referências são a Rua da Vala, a Praça da Graça e o Porto das Barcas. A Ponte Simplício Dias liga o bairro Ilha Grande de Santa Isabel ao Porto das Barcas. No Porto, não há barcas; há clientes ávidos a ingerir cervejas, drinks e a consumir como entradas petiscos do rio e do mar e como saídas pratos da gastronomia da Planície Litorânea. À margem do centro do Porto das Barcas e à margem do rio Igarçu, se produzem espaços heterotópicos (FOUCAULT, 2013), espaços inventados

no deslugar do corpo e constituídos pela periferia e as subjetividades periféricas: pessoas em situação de rua, usuários de substâncias psicoativas, trabalhadores e trabalhadoras de rua e artistas nômades que apostam na arte como modo de vida e modo de resistência aos produtos prontos para o consumo.

Nesse contexto, realizamos uma pesquisa acerca da arte e dos modos de ocupar a cidade, entre 2016 e 2017, objetivando mapear territórios existências e cartografar processos de subjetivação de vinte artistas nas ruas, praças e estações a partir da problematização do que pode o corpo em cena na cidade. Mapeamos cinco espetáculos de rua, cada um de uma companhia de teatro de um Estado diferente, cujas apresentações aconteceram em Parnaíba-PI: uma delas no Porto das Barcas e quatro na Praça Mandu Ladino: a) Como a Gente Gosta do grupo mineiro Maria Cutia (08/03 às 19h, no Porto das Barcas) – MG; b) Flor de macambira - Coletivo Ser Tão Teatro – PB (22/04 às 19h, na praça Mandu Ladino); c) Circo do Só Eu da trupe Barracão de Teatro – SP (05/07 na praça Mandu Ladino às 17h); d) A Carroça é Nossa do grupo Xama Teatro – MA (30/08 às 17h, na Praça Mandu Ladino); A Casatoria c'a Defunta da Companhia Pão Doce de Teatro – RN (01/11 na praça Mandu Ladino às 18h).

Entre 2016 e 2017, cartografamos também cinco apresentações de *The Lady Macbeth* e o *Metáfora Troupe*, de Parnaíba-PI, todas no entorno da estação denominada Porto das Barcas. Com exceção de *The Lady Macbeth*, todos os outros espetáculos de teatro de rua que mapeamos, durante a pesquisa, faziam parte do circuito Palco Giratório (2016) do grupo SESC: Serviço Social do Comércio.

Esta narrativa de experiência é um desdobramento dessa pesquisa cujos analisadores cuidado de si e estética da existência trans emergiram da cartografia da arte e ativismo trans e da análise dos processos de subjetivação da atriz de *The Lady Macbeth*, do *Metáfora Troupe*. A partir da perspectiva ético-estético-política (BARROS, 2007), desse modo de fazer pesquisa, e da experimentação do corpo em cena na cidade, fomos deslocados para a problematização acerca de como se dá a produção do cuidado de si e da existência trans marcada pelo modo de vida precária, pelo racismo de Estado e pela violência institucional do denominado Estado-nação?

Nosso encontro com a arte e ativismo trans ocorreu durante o acompanhamento dos processos de subjetivação da atriz de *The Lady Macbeth* e dos quatro atores e da atriz do *Metáfora Troupe*. Para o registro das informações utilizamos diários cartográficos (EPS EM MOVIMENTO, 2014). Além da experimentação do corpo em cena na cidade, realizamos uma oficina denominada cartografias do corpo em cena com o grupo *Metáfora* e rodas de conversa antes e depois de cinco apresentações de *The Lady Macbeth*. Iniciamos a oficina com a mostra do vídeo *Caixa de Afecções* (PRADO; PINHEIRO, 2014), passamos pelo mapeamento do corpo e concluímos com a produção de uma cena curta a partir dos corpos cartografados por três atores, duas atrizes e os dois cartógrafos pesquisadores.

A análise desses processos de subjetivação aponta para o desejo de ocupar

a cidade por meio da arte (ROLNIK, 2006; GUATTARI; ROLNIK, 2010; GUATTARI, 2012) e para a coexistência do desejo de colocar o corpo em cena na cidade como dispositivo de transformação do luto pela morte das pessoas trans em luta e pela desnaturalização da violência de gênero que acomete quem ousa desfazer gênero.

2 | DESDOBRAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A produção dos dados da pesquisa e o acompanhamento dos processos de subjetivação em arte e ativismo trans, neste estudo, se deram por meio de objetos da arte relacional (ROLNIK, 1998, 2002, 2004, 2008, 2013), a saber: elementos utilizados na cartografia do corpo em cena e do teatro de rua e na rua. Nesta perspectiva, consideramos arte relacional também o modo de fazer arte de cada ator e cada atriz participante da pesquisa e a cartografia como um modo de fazer pesquisa-intervenção, uma metodologia do encontro e da arte de afetar e deixar-se afetar, no acompanhamento desses processos de subjetivação e na produção dos territórios de existência trans.

As teorizações e análise dessa produção que serão apresentadas a partir das narrativas registradas no diário cartográfico foram feitas com base na Esquizoanálise, ou seja, na caixa de ferramentas-conceitos que nos possibilitam a análise das linhas de forças do desejo com suas configurações molar, maleável e molecular (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Compõem nossa caixa de ferramentas-conceitos: a problematização do quadro de guerra apresentado por Butler (2015a, 2017) e a teoria queer (SPARGO, 2006; SILVA, 2009; SALIH, 2012), – pensada, aqui, como teoria de afirmação das diferenças (DELEUZE, 1998, 2006; PRECIADO, 2002; BUTLER, 2008, 2015a, 2015b; FOUCAULT, 2010a, 2010b, 2010c), para além da negação dos estudos das identidades culturais determinadas “por uma série de categorias que incluem etnicidade, classe, raça, religião, sexualidade e gênero” (BUTLER, 2015a, p. 198). Nesta perspectiva, desfazer gênero pressupõe um agenciamento coletivo do desejo pela arte e pelo ativismo trans contra o racismo de Estado (FOUCAULT, 2010a), a violência institucional do denominado Estado-nação (BUTLER, 2017) e a luta pela superação dos modos de vida precária (BUTLER, 2015a) em defesa da vida, considerando que todas as vidas importam e que as vidas das pessoas trans também são passíveis de luto.

Tal quadro de guerra, com seu estruturalismo e segmentaridades, faz parte dos agenciamentos de territórios existências e da produção de subjetividades capitalísticas na sociedade contemporânea, podendo produzir tanto “adoecimento” (desterritorialização da subjetividade) como também provocar modos de singularização e cuidado de si na perspectiva de uma ética e uma estética da existência: torna-se quem se é (FOUCAULT, 2014; DELEUZE, 2006; 2008) como a atriz de *The Lady Macbeth*, mediada pelas forças da vida que resistem – reterritorialização (DELEUZE;

GUATTARI, 2012; PELBART, 2013).

Os espaços heterotópicos da cidade onde se apresentavam *The Lady Macbeth* e o *Metáfora Troupe* – espaços inventados a cada apresentação – compuseram as paisagens psicossociais desta cartografia (ROLNIK, 2006; BARROS, PASSO, 2009; BARROS; KASTRUP, 2009). A ocupação da cidade por nós, cartógrafos, também se deu por meio da arte e partiu da problematização dos modos de vida precária (BUTLER, 2015a), da vida nua (AGAMBEN, 2008) e da afirmação da vida passível de luto (BUTLER, 2015a), apostando na potência de vida (PELBART, 2013).

Nessa perspectiva, lançamo-nos à experimentação cartográfica à deriva, à moda *flâneur* (BENJAMIN, 1997). Laçamo-nos à ação pesquisar-deambular com a possibilidade de encontro com a cidade que habita nossos corpos e de experimentar o corpo em cena na cidade. Esse acontecimento nos tirou dos limites do que “somos” e de nossa condição de estrangeiro, nos proporcionando outros olhares e outros modos de ocupar a cidade (BAPTISTA, 2010) e produzir nossa narrativa acerca do que pode o corpo em cena na cidade:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (...). Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história gravar-se-á na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia (BENJAMIN, 1994 pág. 205-219).

Para que o leitor ou a leitora não precise fazer uma pausa na narrativa que iremos apresentar, informamos-lhe que *Cabeça de Cuia* ao quem iremos nos referir é uma das lendas do rio Parnaíba que narra a história da fome de modo a acionar a culpa. Nela, uma mãe serve sopa de ossos ao filho. Ele, surtado com o delírio da fome, se revolta e mata a mãe a pauladas. Antes, ela o condena a morrer afogado e sua alma viver vagando rio acima rio abaixo, só descansando ao alimentar-se de sete moças virgens. A narrativa reforça a o crime e o castigo por meio do sacrifício das mulheres.

3 | O CORPO EM CENA NA CIDADE

Neste tópico correspondente aos resultados da pesquisa, apresentamos uma das narrativas dos nossos diários cartográficos, na qual, intencionalmente, falamos do ator e da atriz trans, tomando como referência uma das apresentações de *The Lady Macbeth* e fazemos uma análise dos processos de subjetivação em arte e ativismo trans a partir das rodas de conversa antes e depois das cinco apresentações. Trata-se de uma experimentação biografemática, especificamente a partir daquilo que Marcos Oliveira (2010) concebe como “*corpus vadio*, terreno de pura suspeita”, a saber: “toda

e qualquer intervenção desta matéria baixa que costuma ser desprezada na escritura de uma vida” e que ao “lidar com as coisas mundanas que acontecem no trânsito de uma vida, assume um certo grau de realismo, ainda que se trate de um realismo incidental e povoado de minúsculos fragmentos de insignificância” (COSTA, 2011, p. 135).

Da Ilha de Santa Isabel ao Porto das Barcas como palco de produção de territórios existências, acompanhada pelo cortejo musical e literário de um grupo de teatro (Metáfora Troupe) e de outras pessoas, The Lady Macbhet atravessa pontes, rios e ruas. Vestida de peles, desfaz gênero, desconstrói identidades e se inscreve na cartografia dos modos de viver e ocupar a cidade por meio do corpo em cena. A arte escrita de próprio punho, feita desenho de giz no asfalto, anuncia: “liberdade está dentro da cabeça”, enunciando a politização do corpo utópico e suas heterotopias (FOUCAULT, 2013).

O cortejo cresce com a participação de espectadores e espectatrizes. The Lady Macbhet sai a bailar com seu corpo. Depois de entrar no rio, banhar-se nas águas como aquela que faz do teatro clínica do devir mulher (GUATTARI, 1981), ela expressa o poder de fazer seu próprio nascimento e batismo, fazendo morrer “o homem” e o que já não vive dele como identidade segmentada por quaisquer instituições heteronormativas e reduções epistemológicas para nascer mulher por meio do teatro e da arte de se multiplicar em outras máscaras.

Cabaça d’água na cabeça, lá vem The Lady Macbhet, desfilando, depois de desafiar o Cabeça de Cuia e de enunciar nosso desejo de mundo e devir minoritário: micropolítica do desejo de ver libertas do celibato e da cultura dos abusos e das violências física, psicológica e simbólica “as sete virgens” e todas as mulheres da naturalização da maternidade; desejo de ver libertos homens e mulheres do mito da culpabilização do desejo da mãe/desejo do pai e do familismo (GUATTARI; ROLNIK, 2010; DELEUZE; GUATTARI, 2004).

Ao desfilar entre nós, The Lady Macbhet agua o chão como quem molha um território existencial trans que sofreu tantos anos de estiagem. Agua as folhas do cajueiro, símbolo da língua piauiês e da pergunta filosófica do poeta em Cajuína: “Existirmos, ao que será que se destina” (VELOSO, 1979).

Agua o chão, as folhas. Agua até o ar que respiramos, antes de banhar-se. Banho de cabaça, com pouca água. Água como resto de uma vida precária, vida nua, vida ainda passível de luto (BUTLER, 2015a) e de luta.

Então, inicia-se o momento no qual a experimentação do corpo em cena mais afeta os cartógrafos: The Lady Macbhet recita um poema concreto, literalmente rasgando sonhos às margens do rio Igarçu – rio metáfora da vida nos versos de Quintana (2006).

Sonhos é um fragmento de outra produção teatral, denominada “Eu não quis fazer você chorar”, efeito das afetações do ator, aos 25 anos, com a reação de uma amiga após o diagnóstico soropositivo, com nível de latência e tolerância que não

chega a desenvolver sintomas da Síndrome da Imunodeficiência Aguda Adquirida – AIDS.

Ao iniciar o recital de Sonhos, nós espectadores e espectatrizes somos tomados de assalto pelo que pode o corpo em cena na cidade e o que pode a arte relacional como dispositivo de produção de territórios existências.

As vozes da arte ecoam da arquitetura do desejo de habitar a cidade e de experimentar seus lugares abandonados pela mesma associação comercial que os mantém entre grades, desde o início de 2016, aprisionando o pleno “direito à cidade” (LEFEBVRE, 2001) e proibindo o acesso ao espaço com break, rap, grafite, skate, teatro e demais apresentações de artistas de rua, além de barrar quem chega com álcool e cannabis. É o quadro de guerra dos donos do patrimônio histórico tombado contra a arquitetura do desejo de viver a cidade. O éthos coletivo se tornou anacrônico, “se recusa a se tornar passado, e a violência é sua forma de se impor no presente” (BUTLER, 2015b, p. 15).

As vozes da cidade e as vozes da arte se confundem com as vozes de sonhos que já não escutamos e pelos quais já não lutamos ou ainda lutamos:

Sonhos...

Sonhos...

Sonhos...

Sonhos...

Sonhos...

Sonhos...

Sonhos...

Sonhos...

Recital da palavra Sonhos em poesia, performaticamente acompanhado de gestos de ruptura. Sonhos de peles tecidas sendo rasgadas num “rapte-me camaleoa” (VELOSO, 1980). Peles rasgadas sobre pele de um corpo utópico que habita outras peles. Corpo que migra, vaza por todos os lados.

A palavra sonhos, repetidas vezes, fere nosso corpo, rasga feito faca nossa pele, cortando na carne nossos sonhos tantas vezes adiados, abandonados e esquecidos. Esquecimento como força reativa efeito da produção de subjetividades capitalísticas (DELEUZE, 2006).

A repetição da palavra Sonhos desloca nossos processos de subjetivação para o deslugar do corpo em cena na cidade. A diferença do eco de Sonhos na arquitetura – musicalidade e ritmo – aponta para as forças da vida como obra de arte, mostrando a coexistência do corpo fragmentado – como na imagem da boneca de Frida Kalho (1944/1954) e do desejo de produzir para si mesma e para si mesmo, cada um e cada uma de nós, um corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012): uma obra de arte.

The Lady Macbhet segue pelos becos anunciando por meio do corpo em cena na cidade a vida e por meio da vida o teatro, denunciando os aprisionamentos e manicômios mentais (PELBART, 2009) que tratam de interditar o acesso aos espaços públicos.

Tudo isso até adentrarmos ao teatro (Metáfora) junto com o Metáfora (grupo de teatro), depois de uma caminhada pelas ruas entre o espaço arquitetônico tombado e quase morto da cidade.

No teatro (Metáfora), por um instante, experimentamos uma espécie de “ensaio sobre a cegueira” (SARAMAGO, 1995); até que dispositivos moveis de espectadores e espctrizes acendem, e começamos a ler nas paredes as fotografias, os grafites, as pichações, os versos e a cena. Somos convidados pelo corpo e pelo abraço a participar. De maneira que improvisamos gestos e inventamos movimentos rizomáticos como os das forças das águas e do vento do Delta, numa coreografia esquizo tão livre como nos voos de Nijisk (UNO, 2012).

4 | ANÁLISE

Em The Lady Macbhet, o corpo em cena na cidade é concedido como lugar das peles que o habitam e por meio do qual e das quais a atriz se reinventa para cuidar de si. Estética da existência trans como efeito dos deslugares dos territórios existências: banheiros interditados em vários lugares; escolas que atiram pedras; ruas que cospem, fazem piadas e a insultam com sons de pum; sistema “S” que a exclui da pedagogia do teatro e que ensaia sua inclusão momentânea pela margem; Sistema Único de Saúde que fornece atenção à saúde, mas a psicologia não compreende sua micropolítica do desejo de transitar entre ser ator e atuar com personagens femininos no palco e migrar de gênero para ser mulher trans na vida cotidiana; delegacias analfabetas em nome social e delegado que a acolhe; Fórum cego à identidade de gênero e mercado das artes sem contrato de trabalho, além de «amigos» que a acusam de louca, dizendo que o ator-atriz surtou ao migrar de gênero aos 35 anos de idade. Trata-se de agenciamentos de processos de subjetivação em arte e modos de habitar a cidade de espectadores que expressam linhas molares do desejo, revelando a interface entre medicalização da existência (FOUCAULT, 2010b) e psicopatologização da diferença.

Da performance de desfazer gênero no teatro à performance de desfazer gênero na vida, a atriz de The Lady Macbhet perde a emancipação econômica e política, sofrendo uma desterritorialização de seu modo de existência, haja vista que vivia e vive da arte. Fez-se necessário também reinventar-se um corpo como espaço ético e esteticamente de resistência política aos lugares nos quais, tantas vezes, a atriz foi, e ainda é incluída para ser excluída (VEIGA-NETO, 2005). Além de enfrentar o estigma (GOFFMAN, 2013) que sofre por ser quem se é e por se anunciar mulher trans, aos 35 anos. Toda essa experiência migratória, depois de ter sido acometida por um vírus,

aos 25 anos, e da ameaça das pessoas que pensam, constantemente, que ela poderá ser atingida pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (identificada no período no qual doava sangue em um hemocentro desde os 18 anos).

Antes de devir mulher na vida, assim narra a atriz, ator, diretor e professor de teatro, vestia-se de terno masculino e usava gravata, parecendo um executivo; além de acreditar que quanto menos experiência sexual tivesse menos se pareceria com um gay.

As linhas de força do desejo de se anunciar mulher ficaram, por muitos anos, segmentadas pelo gênero masculino quase como toxicômano de identidade (ROLNIK, 2000), só podendo devir mulher no teatro, processos de subjetivação maleável que se configurava entre uma máscara de Draking e uma experimentação do transfeminismo. No entanto, declara a educadora e diretora do Metáfora que a vida do ator e da atriz é tradução do teatro, afirmando que não foi ele nem ela quem encontrou o teatro, foi o teatro que a encontrou e foi a arte que a fez migrar, ser nômade, fazer-se outra.

A arte a faz se constituir uma multiplicidade de devires, produzindo para si mesma um corpo sem órgãos, literalmente, sem prótese, silicone e hormônios, resistindo, não necessariamente por opção e sim por condição, aos agenciamentos e aos dispositivos do capitalismo farmacopornográfico (PRECIADO, 2008). Resistência que se traduz no devir mulher: puro simulacro contra tudo e contra todos os determinismos sexistas, homofóbicos, misóginos e transfóbicos.

Esses novos processos de subjetivação e singularização mostram tênues linhas maleável e molecular do desejo de ocupar a cidade e reinventar-se uma vida, a partir das quais, atores, atrizes, espectadores e espectatrizes, todos e todas nós nos perguntamos o que podemos fazer com nosso corpo para tecer o cuidado de si e a vida como obra de arte.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação dessa cartografia do corpo em cena na cidade e dos processos de subjetivação em arte e ativismo trans nessa estação denominada Porto das Barcas, mostra que podemos, coletivamente, devir corpo sem órgãos por meio da arte relacional, apostando nas forças da vida e na politização do corpo utópico como espaço heterotópico. Trata-se de um movimento nômade e libertário contra a exploração e as relações de sujeição social e servidão maquínica nos níveis micro e macropolíticos dos contextos do capitalismo global integrado (GUATTARI, 2002).

A análise dos processos de subjetivação em arte e ativismo trans mostra a coexistência de processos de territorialização e desterritorialização, nas ruas, praças e estações. Assim, mostra também o desejo de mundo de pesquisadores e artistas, expressando a vontade de se desfazer das linhas de forças da vida que operam de modo molar e segmentar, e o desejo de confeccionar linhas de força da vida que

operem de modo maleável e molecular, via processo de singularização criativos.

A análise das forças que compõem a micropolítica do desejo de fazer teatro de rua e na rua aponta para a arte relacional como dispositivo de produção de territórios existências queer e de espaços heterotópicos que se inscrevem com o corpo em cena entre cidades, pontes, rios, asfalto, calçadas, ruas e impressionante arquitetura de um patrimônio histórico enclausurado por muros, grades e proibições que tratam de limitar o direito de ir e vir e experimentar-se na cidade.

A politização do corpo trans em cena ao desfazer gênero é uma tradução de resistência ética, estética e política que potencializa sonhos e desejo de mundo; fala da liberdade ético-política e do desejo de fazer da vida trans uma obra de arte.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que resta de Aushwitz**: o arquivo e a testemunha. (Homo Sacer III). Trad. S. J. Assmann. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANTRA. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Associação Nacional de Travestis e Transexuais: Brasil, 2018.

BARROS, R. B. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2007.

BARROS, R. B., PASSOS, E. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. e SCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método do cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2009, p. 17-31.

BARROS, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. e SCÓSSIA, L. (Orgs.) **Pistas do método do cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2009, p. 52-75.

BAPTISTA, L. A. Tartarugas e vira-latas em movimento: políticas da mobilidade na cidade. Rio de Janeiro. In: JACQUES, P. B.; BRITO, F. D. (Orgs.). **Corporcidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

BENEVIDES, B. A Luta por Sobrevivência no País que Mais Mata Travestis e Transexuais do Mundo. In ANTRA. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Associação Nacional de Travestis e Transexuais: Brasil, 2018, p. 7-9.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura, história da cultura. (Obras Escolhidas). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única**. (Obras Escolhidas). São Paulo: Brasiliense, 1997.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cad. Pagu** [online]. 2018, n.53, e185305. Epub June 11, 2018. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/1809444920180053005>.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

BUTLER, J. **Caminhos Divergentes**: judaicidade e crítica do sionismo. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

CASTRO, E. V. **Os involuntários da Pátria**. Aula pública durante o ato Abril Indígena. Cinelândia, Rio de Janeiro, 20 de abril de 2016. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

COSTA, L. B. **Estratégias biográficas**: biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, A. M. A. **Analfabetismo no Brasil**: da Ideologia da Interdição do Corpo à Ideologia nacionalista, ou de Como Deixar Sem Ler e Escrever Desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos. 2ª ed. Aumentada. São Paulo: Cortez, 1993.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. Cinco proposições sobre a psicanálise. In _____. **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 345-352.

DELEUZE, G. **Conversações**. 7ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e Esquizofrenia 1. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Volume 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

EPS EM MOVIMENTO. **Entrada, Apresentação. 2014**. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-apresentacao/entrada-apresentacao/>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de Março de 1976. In _____. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a. p. 201-222.

FOUCAULT, M. **Repensar a política. Ditos & Escritos VI**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, M. Aula de 2 de Março de 1983. In _____. **O governo de Si e dos Outros: primeira hora**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c. p. 271-293.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico; As heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos Volume IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Guanabara Koogan, 1988.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 13ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografia do desejo. 10ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- KALHO, F. Yo soy la desitegración... In **Cauderno**. México, 1944-1954.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MBEMBE, A. (2018). **Necropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- PELBART, P. P. Manicômio mental: a outra face da loucura. In: LANCETTI (Org.). **Saúde Loucura** (131 – 138). 2, 4ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.
- PELBART, P. P. **O Averso do Niilismo, Cartografias do Esgotamento**. São Paulo: N – 1 edições, 2013.
- PRADO, G. T.; PINHEIRO, A. S. **Caixa de Afecções**. Alabama Filmes, 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oTKR3FB9vTg> Aces 23 jan 2016.
- PRECIADO, B. **Manifiesto-contrasexual**: prácticas subversivas de identidad sexual. Madrid, España: Ópera Prima, 2002.
- PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.
- QUINTANA, M. Deixe-me seguir par ao mar. In _____ . **Baú de Espantos**. Tânia Franco Carvalho (Org.). São Paulo: Globo, 2006. p. 46.
- ROLNIK, S. Por um estado de arte: a atualidade de Lygia Clark. In _____ . **Núcleo histórico**: antropofagia e histórias de canibalismos São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 456 - 467.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades. (19 - 24). 2ª edição. Campinas: Papirus, 2000.
- ROLNIK, S. Arte cura? Lygia Clark no limiar do contemporâneo. In: BARTUCCI, Giovanna (Org.). **Psicanálise, Arte e Estéticas de Subjetivação**. (365-381). Rio de Janeiro: Imago Ed, 2002.
- ROLNIK, S. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In: FONSECA, T. M. G. e ENGELMAN, S. (Orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2006.
- ROLNIK, S. Alteridade a céu aberto. O laboratório poético-político de Maurício Dias & Walter Riedweg. In: FONSECA, T. M. G.; ENGELMANN, S.; PELBART, P. P. **A Vida em Cena**. Teatro e Subjetividade. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 57-97.
- ROLNIK, S. **Quarar a alma**, 2013. Disponível em: http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/quarar_a_alma.pdf Acesso em: 20 de Jun. de 2016.
- SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

- SILVA, T. T. Uma coisa “estranha” no currículo: a teoria queer. In _____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 105-109.
- SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2006.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1ª. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- OLIVEIRA, M. R. **Biografemática do homo quotidianus**: o senhor educador. Dissertação de Mestrado de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2010.
- RODRIGUES, J. Direitos humanos e diversidade sexual: uma agenda em construção. In VENTURI, G.; BOKANY, V. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 23-38.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- TUPINAMBÁ, Casé Angatu Xucuru. Cartas indígenas. In RASERA, E. F.; PEREIRA, M. S.; GALINDO, D. (Orgs.). **Democracia participativa, estado e laicidade**: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção. Porto Alegre: ABRAPSO, 2017, p. 277-292.
- UNO, K. **A Gênese de um corpo desconhecido**. 2ª. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2012.
- VEIGA-NETO, A. Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão In: MACHADO, A. M. (Org.). **Psicologia e direitos humanos**: educação inclusiva na escola. São Paulo: Casa do Psicólogo. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 55-70.
- VELOSO, C. Cajuína. In **Cinema Transcendental [Disco]**. Brasil: Verve, 1979.
- VELOSO, C. Rapte-me Camaleoa. In **Outras Palavra [Disco]**. Brasil: Verve, 1980.
- VENTURI, G.; BOKANY, V. Foco na homofobia: coleta e análise dos dados. In VENTURI, G.; BOKANY, V. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 11-22.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162